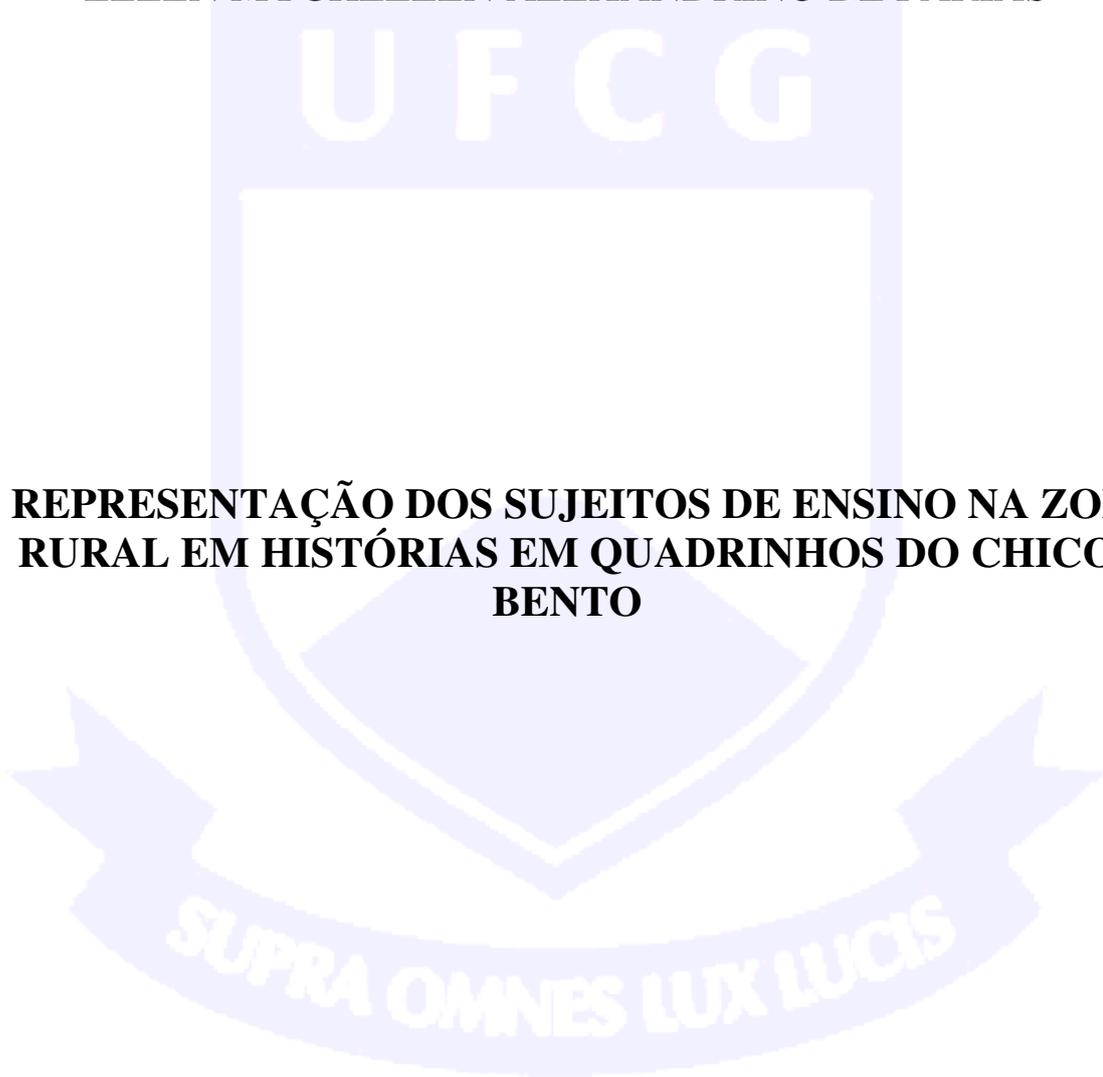


UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

ÉLLEN MYCHELLEN ALEXANDRINO DE FARIAS

**A REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DE ENSINO NA ZONA
RURAL EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO CHICO
BENTO**



Campina Grande
2013

ÉLLEN MYCHELLEN ALEXANDRINO DE FARIAS

A REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DE ENSINO NA ZONA
RURAL EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO CHICO BENTO

Trabalho monográfico apresentado à Banca examinadora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência da disciplina Redação Científica para obtenção do grau de graduada em Letras, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Angélica de Oliveira.

Campina Grande
2013

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, essencial em minha vida e autor do meu destino, o guia que orientou minhas escolhas e me confortou nos momentos difíceis. Dirijo minha gratidão maior, pois “somente tu, és o Altíssimos sobre toda a terra”.

À minha vizinha, *Terezinha*, que infelizmente não viveu para ver este sonho realizado. Agradeço por ter sido minha base de estrutura familiar e referência de vida. Saudades eternas!

Ao meu pai, *José Antônio*, agradeço pela segurança e a certeza que me passou de que em momento algum eu estava sozinha e por ter aberto mão de muitas coisas para me proporcionar a realização deste sonho. Meu infindável agradecimento por me fazer crer que nada é impossível.

À minha mãe, *Solange*, agradeço pelo amor, cuidado e dedicação, por apoiar todas as minhas decisões e saber conviver com a distância a as poucas visitas durante este tempo de vida acadêmica.

À minha amiga, *Ivyne Araújo*, minha mona, aquela que carrega um pouco de mim e eu um pouco dela, agradeço por dividir angústias e alegrias. Sua presença ao meu lado ou mesmo os dias que estávamos longe, seus torpedos, e-mails, sorrisos e lágrimas me foram essenciais. Obrigada nunca será suficiente para demonstrar a grandeza que recebi de você... Amo-Te!

Ao meu namorado, *Andrei Marcos*, grata por ter acreditado em mim, pelo seu companheirismo, pelo incentivo em momentos de desânimo. Graças ao seu amor foi mais fácil transpor os dias de dúvidas e cansaço!

À minha sogra, *Luiza Maria*, pelo incentivo, pela companhia constante e tão querida, orações, palavras, abraços e aconchego que me fizeram acreditar que eu sou capaz.

Aos meus familiares, em especial, minhas tias pela preocupação e cuidado dedicados a mim.

À minha orientadora, *Prof.^a Dr.^a Maria Angélica*, minha flor, pela paciência e confiança, por mostrar os caminhos, acreditando que daria tudo certo. Agradeço pela oportunidade de aprendizado ao seu lado. Exemplo que tomarei por toda a vida!

A minha arguidora *Prof. Dr.^a Alfredina Rosa Oliveira do Vale*, por sua disponibilidade, atenção e compreensão. Agradeço pela confiança e por ser o “Anjo”, especialmente enviado à minha vida nesta etapa tão significativa.

Aos meus amigos do curso de Letras, em especial *Maria Elizete, Arethusa Antero, Rafael Melo, Michael Dutra e Andreza Caetano*, As Letrinhas, por me proporcionarem e compartilharem momentos especiais e inesquecíveis. Obrigada pela amizade!

A todos, que de algum modo, contribuíram para a realização de uma etapa tão significativa em minha vida, sem vocês definitivamente eu não teria conseguido! OBRIGADA!

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar. Mas o
mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”
(Madre Teresa de Calcutá)*

RESUMO

Este trabalho apresenta por objetivo analisar histórias em quadrinhos do Chico Bento, observando as “vontades de verdade” que estão presentes e como elas alicerçam o estereótipo dos sujeitos de ensino na zona rural, por meio de procedimentos metodológicos inspirados na Análise de Discurso francesa (doravante AD), sobretudo nos pressupostos teóricos foucaultianos. Os objetivos específicos são: identificar os estereótipos do sujeito aluno e do sujeito professor caipira presentes em histórias em quadrinhos; elencar as “vontades de verdade” que atravessam as histórias do Chico Bento e alicerçam esse lugar dos sujeitos de ensino (professor e aluno) na escola da zona rural. O corpus desta pesquisa foi delimitado adotando a caracterização do rural como traço distintivo. Para tanto, utilizamos seis histórias em quadrinhos publicadas entre os anos de 1982 a 2013. No tocante a realização do estudo desse corpus, fundamentamo-nos nas contribuições teóricas sobre AD (DREYFUS e RABINOW, 2010; FOUCAULT, 1999, 2002, 2004, 2008, 2010; INDURSKY, 2007, 2011; ORLANDI, 2001; POSSENTI, 2002, 2004e 2010; VEYNE, 2011). Os resultados da análise apontam, de modo geral, que a construção da identidade caipira mostra-se marcadamente associada às visões legitimadas por “vontades de verdade” que são propagadas por nossa formação social, ratificando a caracterização dos sujeitos de ensino da zona rural – sujeito aluno como preguiçoso, “burro”, incapaz e ignorante e sujeito professora como tradicional, dono de um discurso verdadeiro, origem de todo saber.

Palavras-chave: discurso; história em quadrinhos; vontades de verdade; estereótipo; preconceito.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1	DO TEXTO AO DISCURSO: CONCEITOS NECESSÁRIOS	15
3.2	VONTADES DE VERDADE, DE PODER E DE SABER NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS	18
3.3	DA IDENTIDADE AO ESTEREÓTIPO: MODELANDO PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA	21
3.4	UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DAS HQS BRASILEIRAS	25
4	OS SUJEITOS DE ENSINO: CHICO BENTO E A PROFESSORA D. MAROCAS	30
4.1	PROFESSORA D. MAROCAS: ESTEREÓTIPO DO SUJEITO PROFESSOR.....	30
4.2	CHICO BENTO NA ESCOLA: ESTEREÓTIPO DO SUJEITO ALUNO	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46
	ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

Toda produção discursiva posta em funcionamento em uma dada formação social será veiculadora de vontades de verdade e das relações de poder que formam o corpo social. Por essa razão, sabe-se que não há a possibilidade de supor as relações de poder desvinculadas das vontades de verdade. Segundo Foucault (1999), o poder é exercido por diferentes camadas sociais, em qualquer tempo e espaço, articulando-se, transitando entre os sujeitos, sobretudo pelas “mãos sinuosas” da produção discursiva. O “poder” será então caracterizado como um conjunto de relações que circulam por toda parte do corpo social, não devendo ser visto como algo centralizado, como um “objeto” que pertence a alguns e a outros não. Nesta perspectiva, os sujeitos não são detentores do “poder”. Ao contrário, são efeitos das relações de poder. São essas relações, associadas às vontades de verdade, que constituem os indivíduos em sujeitos, que constroem identidades.

Inseridas num dado contexto sociocultural, as histórias em quadrinhos (doravante HQs) funcionam como um meio eficaz de propagação de “vontades de verdade”, difundindo estereótipos de várias identidades construídas no seio de cada formação social. Nessa perspectiva, essas HQs podem ser consideradas, segundo Foucault (2004) jogos de verdade. Por jogos de verdade, Foucault (2004, p. 282) compreende “um conjunto de regras de produção de verdade”, considerando a “verdade” temas fabricados em um momento particular da história.

Desse modo, deparamo-nos então, com a importância de adotar as histórias em quadrinhos como objeto de estudo, funcionando como um instrumento de disseminação de dadas “vontades de verdade” que auxiliam na construção de vários estereótipos. Aqui compreendidos como uma forma apressada de classificar determinados sujeitos de acordo com dadas características. Nas HQs, podemos observar estereótipos em alguns personagens da turma da Mônica, por exemplo, o Cascão que é marcado como aquele que não gosta de banho, o sujinho da turma. Ele também é o menino mais pobre. Vemos aí a associação entre pobreza e sujeira. Em nossa formação social, há o estereótipo do pobre sujo. Diante do exposto, ratificamos a importância de investigar os discursos que atravessam HQs, revelando estereótipos responsáveis por práticas preconceituosas e intolerantes, tão nocivas ao corpo social.

Para nossa pesquisa, escolhemos as HQs do Chico Bento da Turma da Mônica *a priori*, em função da notoriedade das historinhas e posteriormente por verificarmos que a personagem possui características que auxiliariam na representação de um segmento social rural brasileiro de maneira bem marcada, no caso, o aluno do meio rural. Consoante a essa escolha, a opção pela personagem Chico Bento, deu-se por este retratar o universo brasileiro ligado aos valores do campo, personificando a bondade e a simplicidade do homem do campo, resgatando os valores morais do passado (da tradição) para a contemporaneidade, e também pelo fato de possuir características próprias que o tornam díspar dos outros personagens. Dentre essas características, podemos citar: sua maneira de falar, o hábito de sempre andar descalço, suas vestimentas – a camiseta amarela e a calça quadriculada azul -, o seu inseparável chapéu de palha, suas ações, crenças e costumes compõem e predeterminam seu jeito de viver.

Nosso trabalho alicerça-se nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), mais precisamente nas teorias foucaultianas que colocam em evidência as reflexões sobre as vontades de verdade, de poder e de saber. Dos Estudos Culturais buscamos as reflexões acerca da identidade, nos trazendo a possibilidade de uma leitura mais perspicaz e crítica frente às histórias em quadrinhos. Ademais, proporciona um acréscimo às leituras discursivas diante dos textos que circulam em nossa sociedade. Destacando assim, a relevância de contemplar a leitura como um processo que exige habilidades específicas de forma a não contribuírem com a perpetuação do preconceito frente a determinadas identidades.

A partir desses pressupostos teóricos, propomo-nos questionar: que *vontades de verdade* estão presentes nessas narrativas e como essas alicerçam os estereótipos acerca do sujeito de ensino da zona rural. Para tanto, elencamos como objetivos:

Geral:

- Analisar as histórias em quadrinhos do Chico Bento, observando que “vontades de verdade” estão presentes e como elas alicerçam o estereótipo dos sujeitos de ensino na zona rural.

Específicos:

- Identificar os estereótipos do sujeito aluno e do sujeito professor caipira presentes nas HQs;

- Elencar as “vontades de verdade” que atravessam as histórias do Chico Bento e alicerçam esse lugar dos sujeitos de ensino (professor e aluno) na escola da zona rural.

Por ter sido incentivada desde criança a ter contato com HQs e também pelo fato das famosas personagens de Maurício de Sousa fazerem parte de minha infância, escolhi tal gênero para minha pesquisa. Isto é, ela partiu de um hábito cotidiano meu, para assim, detectar e verificar hipótese(s) capaz(es) de corroborar para uma análise do discurso que identifique as “vontades de verdade” presentes na produção discursiva das histórias em quadrinhos do Chico Bento. Assim, propomo-nos a realizar uma leitura discursiva dessas histórias que encantam não só o público infantil, como também o adulto a mais de 50 anos, promulgando vontades de verdade de acordo com cada tempo e formação social.

Diante disso, acreditamos que nossa pesquisa mostra-se relevante por investigar os estereótipos, auxiliando na busca da desconstrução de preconceitos, a partir do momento em que se permite compreender como a construção da imagem corrobora para determinados posicionamentos ideológicos e identitário no interior de um discurso. Assim como, sua participação no processo de subjetividade inerente ao ser.

As HQs provocam um grande fascínio nas crianças, suas figuras, a disposição de cores, as atraem. Elas veem nas historinhas uma brincadeira, um jogo que provoca encantamento, levando-as a fantasiar, a criarem um mundo à parte, seu próprio mundo. Assim sendo, podemos identificar uma interessante função para as histórias em quadrinhos, que afeta a educação do público infantil, fazendo com que as crianças leiam as “vontades de verdade” presentes nas HQs do Chico Bento, evitando a perpetuação de determinados estereótipos que podem gerar preconceito e intolerância. Estereótipos estes que transmitem dadas verdades e conceitos importantes para quem se encontra em formação, ampliando assim os conhecimentos sobre o mundo, que a vida social exige.

Tendo em vista a questão norteadora da pesquisa e os objetivos por nós propostos, nossa monografia, além desta INTRODUÇÃO, organiza-se e desenvolve-se conforme descrevemos a seguir: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS que nos traz a descrição do tipo de pesquisa, como se deu a coleta de dados e ainda a organização temporal das HQs analisadas; FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA na qual sintetizamos quatro tópicos que nos apresenta, nesta ordem, as contribuições da AD francesa no que diz respeito à concepção de texto e discurso; exposição dos conceitos de “vontades de verdade”, e sua relação com o

“poder” e o “saber”, na perspectiva foucaultiana; apresentação dos conceitos de identidade e estereótipo, observando a constituição do sujeito; e, por fim, faremos um breve resgate histórico das histórias em quadrinhos brasileiras; em OS SUJEITOS DE ENSINO: CHICO BENTO E A PROFESSORA D. MAROCAS buscamos analisar as “vontades de verdade” e como essas reforçam estereótipos dos sujeitos de ensino: aluno e professor, da zona rural (caipiras) nas HQs; CONSIDERAÇÕES FINAIS, em que expomos as conclusões da pesquisa, buscando não a perenidade, pois, falando-se em linguagem, funcionamento discursivo, condições de produção, cada dizer é sempre (in)definido.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em consonância com os princípios e procedimentos que norteiam os estudos em Análise do Discurso, este estudo partiu, pois, de um posicionamento teórico-metodológico que enxerga a pesquisa como um processo que agrega a teoria e a prática, no qual a investigação partirá da delimitação de um *corpus* utilizando-se de critérios teóricos. Tal posicionamento, que assume uma análise, no que diz respeito à natureza e seus procedimentos, podem ser situados no paradigma qualitativo. Haja vista, que é uma modalidade de pesquisa que em seu cerne procura entender os significados empregados pelos sujeitos, como referenda Chizzotti (2006, p. 211): “O termo qualitativo implica uma partilha densa de pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível [...]”.

Desse modo, esta pesquisa está baseada em um trabalho de ‘investigação’ que atentou para as práticas discursivas materializadas em histórias em quadrinhos, tomando as “vontades de verdade” como elemento precípua na constituição de identidades e estereótipos do sujeito homem rural. Tal pesquisa analisou a constituição do sujeito “aluno caipira” nas HQs do Chico Bento, em meio ao universo quadrinhístico no qual ele está inserido.

Esta análise insere-se no tipo descritivo-interpretativo, visto que, tem-se de descrever os dados coletados e explicá-los no que tange aos seus significados. Partindo de interpretações, dialogando com a historicidade, a ideologia, a exterioridade o universo simbólico das HQs, pode-se classificar tal pesquisa como documental, partindo da concepção de documento como “uma informação organizada, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita, visual ou gestualmente) e registrada em material durável” (GONÇALVES, 2003, p.32).

A delimitação do *corpus* foi feita adotando a caracterização do rural como traço distintivo. A partir desta abordagem foi possível perceber que a construção dos estereótipos permeia posicionamentos ideológicos e identitário dos sujeitos.

Uma vez que a Maurício de Sousa, ao criar o personagem Chico Bento e ao projetar nele valores que ele julga relacionados ao universo rural, ele instauraria uma imagem coletiva do aluno do campo, baseada em imaginários sócio-discursivo idealizados.

Os discursos veiculados pelas histórias em quadrinhos permitem-nos encontrar “vontades de verdade” representantes de valores, normas e senso comum de uma sociedade. As quais alicerçam estereótipos que servem de ferramentas das produções discursivas, ou melhor, estratégias de utilização de modelos e representações socialmente construídos e legitimados.

Em uma perspectiva geral, esta é uma análise dos discursos veiculados nas histórias em quadrinhos da personagem Chico Bento. Nosso levantamento de dados foi realizado a partir de análises para identificarmos os mecanismos mais frequentes utilizados para a construção do estereótipo do aluno caipira. O uso desse procedimento nos permitiu contrastar os elementos variantes e invariantes facilitando, assim, a interpretação quanto à caracterização do sujeito aluno do campo.

O acervo que foi utilizado nessa pesquisa esta compreendido entre os anos de 1982 a 2013. Na busca de uma melhor (de) limitação do *corpus*, houve um estudo que tinha por objetivo encontrar particularidades entre os 37 gibis disponíveis para análise.

Para efetivar esta pesquisa optou-se pela análise das historinhas do personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa, em função da notoriedade daquela personagem e devido ao fato de representar um segmento social brasileiro de maneira bem marcada, no caso, o aluno da zona rural.

Nosso *corpus* é constituído por 06 histórias em quadrinhos¹ do personagem Chico Bento, que apresentam como temática a caracterização do rural, a partir da qual há o construto ideológico do aluno caipira. A escolha desse critério se deu pelo fato de acreditarmos que tal temática daria subsídios a observação acerca de quais “vontades de verdade” alicerçam os estereótipos utilizados para fundamentar a representação daquele estereótipo. Procuramos adotar um recorte temporal; as histórias foram publicadas entre os anos de 1982 e 2013. Ao determinar tal recorte, buscamos relacionar a produção discursiva com as “vontades de verdade” presentes nos imaginários encontrados nos quadrinhos.

Como critério de seleção, observamos e adotamos predicados peculiares da personagem no ambiente de sala de aula - sua maneira de falar, o meio em que vive, seus valores sociais e pessoais, o estilo de suas vestimentas, seu jeito de viver, seu posicionamento

¹ Todas as histórias em quadrinhos foram retiradas em sites que estão adequadamente identificados nas referências.

frente ao sujeito professor – que caracterizam e auxiliam na construção do estereótipo do aluno caipira na escola.

Das 149 HQs iniciais – presentes em 37 gibis – encontramos 06 histórias que abordavam pontualmente a temática supracitada. Deste modo, o objeto de estudo da pesquisa foi constituído por 06 HQs do personagem Chico Bento, veiculadas entre os anos de 1982 e 2013. Dentre as quais, estas enfatizam a aversão aos estudos por parte da personagem, a preguiça da personagem, - no que se refere ao estudo - e conotam-no como “burro”.

O quadro abaixo apresenta nosso *corpus*. Será apresentado posteriormente um quadro – intitulado **CHICO BENTO E A ESCOLA** - demonstrando a organização das histórias de acordo com as três décadas escolhidas para a pesquisa. O quadro identificará o título, o número da edição e a data de lançamento, conforme, a seguir:

<u>CHICO BENTO E A ESCOLA</u>			
ANOS 80	<u>Título</u>	<u>Nº</u>	<u>Data</u>
1	<i>O Tagarela</i>	05	21/10/1982
2	<i>O Pai da Aviação</i>	57	18/10/1984
ANOS 90	<u>Título</u>	<u>Nº</u>	<u>Data</u>
3	<i>Ler faz Bem</i>	186	Março 1994
4	<i>RONC!</i>	39 (Alm.)	Junho 1997
ANOS 2000	<u>Título</u>	<u>Nº</u>	<u>Data</u>
5	<i>Professor sofre!</i>	25	Jan. 2013
6	<i>É o bicho! É o bicho!</i>	25 (Alm.)	Jan. 2013

Quadro 1

Pode-se observar que os títulos das HQs organizam-se de acordo com a década e a disposição das histórias foi feita em ordem cronológica de acordo com a data de lançamento.

Sendo assim, em consonância com as exposições feitas anteriormente, tais dados possibilitarão a análise de acordo com a historicidade, a exterioridade, o universo simbólico e com as marcas linguísticas impressas que permeiam o contexto das HQs, apontando as “vontades de verdade” que constrói o estereótipo do aluno rural nas histórias em quadrinhos do Chico Bento.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo discorreremos sobre alguns conceitos relevantes para a construção da análise feita em nossa pesquisa. No primeiro tópico deste capítulo, trataremos dos conceitos de texto, discurso e linguagem que auxiliaram a compreender a referida análise. O segundo tópico, consiste na definição dos conceitos de “vontade de verdade”, de poder e sua relação com o saber no que diz respeito à constituição do sujeito – conceitos que aparecem e são indispensáveis na nossa análise das HQs. Já o terceiro tópico apresentará os conceitos de identidade e estereótipos, relacionando como estes modelam preconceito e intolerância – aqui distinguidos, para que não haja confusão quanto às suas definições. E por último, o quarto tópico trará um breve resgate histórico das HQs brasileiras chegando à turma do Chico Bento, personagem este que nos servirá de protagonista.

3.1 DO TEXTO AO DISCURSO: CONCEITOS NECESSÁRIOS

Conforme Orlandi (2001), na AD francesa, para compreender a noção de discurso, é necessário pensar que as muitas maneiras de significar a linguagem fez com que os estudiosos se interessassem por ela de uma maneira particular, observando-a do ponto de vista de seu movimento, da prática da linguagem: “o estudo do discurso observando o homem falando.” (*ibid.* p.15)

Na AD, o texto é a concretização de um discurso, é “uma superfície discursiva, uma manifestação aqui e agora de um processo discursivo específico” (POSSENTI, 2004, p. 364). Nesse sentido, tomaremos o texto como o lugar pelo qual o discurso se materializa. Foucault (1999, p. 2) afirma que o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta o poder de que queremos nos apoderar”. Assim, a produção textual está diretamente ligada a discursos que constituem uma memória social, que estão em circulação e são “urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico” (INDURSKY, 2011, p. 71).

O discurso, através das escolhas e do lugar que os sujeitos ocupam, é alicerçado por fatores sócio-históricos, que nos permitem compreender os dizeres de acordo com as posições dos sujeitos interlocutores, isto é, quando alguém diz algo, o faz pensando no receptor, em consonância com o que o outro compreenderá a partir do que lerá, da imagem sócio-histórica e ideológica construída.

Ao elaborar um texto, o autor seleciona argumentos e palavras que marcam seu posicionamento. Dessa forma, todo discurso traz, explícita ou implicitamente, determinados posicionamentos. É a partir da materialidade textual que se dá a representação da realidade, e é a partir do discurso que se possibilita criar o que Foucault (2008) chama de práticas discursivas,

[...] conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008, p.138)

Assim, as práticas discursivas são as condições de formulações de uma dada realidade, condições impostas aos indivíduos por meio de regras e procedimentos sociais.

Os fatores sócio-históricos, citados anteriormente, ligam-se à linguagem e levam a constituição de um discurso e ao seu funcionamento. Na AD, a linguagem é vista como um meio para propagação de ideologias que se constroem através das formações ideológicas e formações discursivas, compondo o discurso.

As formações ideológicas são historicamente determinadas, e é resultado de forças sociais antagônicas que se confrontam, ou seja, compõem-se em distintos momentos históricos. Tendo como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Desse modo, o conjunto de regularidades de uma formação discursiva inscrita em uma formação ideológica é que determinará o que pode – ou não – ou deve – ou não – ser dito a partir de uma conjuntura dada, numa determinada formação social.

Segundo Foucault (1999), a formação discursiva se estabelece a partir das regularidades de sua dispersão, vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. E, afirma que:

uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que lhe abrem de direito os sistemas de formações de seus objetos, de suas enunciações, de

seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí que, retomada, colocada e interpretada em uma nova constelação, uma formação discursiva dada pode fazer aparecer novas possibilidades. (FOUCAULT *apud* INDURSKY, 2007, p. 164)

Assim, conforme Foucault (2002), o discurso é a explicitação do mundo, representação de uma realidade na qual estamos inseridos. As formações discursivas dominam os sujeitos, com o poder da palavra, impondo sua força, produzindo sentidos, causando significações, que se materializam nos textos. “O discurso está disperso por muitos textos, oriundos de diferentes “autores”, escritos em distintos espaços e em épocas diversas” (INDURSKY, 2007, p.10). O texto representa, assim, a superfície material aonde funciona a discursividade, pois, conforme Orlandi (*apud* INDURSKY, 2007, p.11), “o texto é o lugar de jogo de sentidos, de trabalho, da linguagem, de funcionamento da discursividade”.

Na perspectiva discursiva, texto é visto como um sistema gerador de diversos e diferentes sentidos que dialogam interdiscursivamente com outros textos que se afiliam a memória. Entenda-se por memória a sedimentação de discursos, aquilo que, em um texto surge como acontecimento a ser lido, restabelecendo os elementos citados e relatados, os pré-construídos, os discursos-transversos, etc. de que sua leitura necessita.

Nesse sentido, Orlandi (2001, p. 32) afirma que “o dizer não é uma propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. [...] O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.” Com isso, vê-se que em um texto tem essa condição de incompletude, nos fazendo perceber que há sempre uma possibilidade de compreender os dizeres. Porém, como materialidade discursiva que o é, o texto está relacionado a diversos funcionamentos discursivos e a condições construídas e aperfeiçoadas por instituições e micro poderes.

Sendo assim, em consonância ao exposto, no tópico a seguir apresentaremos alguns conceitos que auxiliam e dão condições para o funcionamento discursivo e conseqüentemente à constituição dos sujeitos que se inserem na “ordem do discurso”.

3.2 VONTADES DE VERDADE, DE PODER E DE SABER NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS

O discurso, segundo Foucault em “A Ordem do Discurso”, está em todo conjunto de formas que comunica um conteúdo, qualquer que seja a linguagem à qual pertençam. Pois, mais importante que o conteúdo dos discursos, é o papel que eles desempenham na ordenação do mundo. Um discurso dominante tem o poder de determinar o que é aceito ou não numa sociedade, independentemente do que ele legitima. Não estando, pois, comprometido com uma verdade absoluta e universal. Pelo contrário, é ele que produz a verdade (logo, essa é arbitrária), que legitima certo campo de um enunciado e marginaliza outros.

Segundo o filósofo, ao expressarmos discursos existem instâncias de controle e imposição de regras que, externa e internamente, exercem comandos em variados discursos, os quais alguns são permitidos a serem exercidos, e outros são apenas pensados e não exteriorizados, alguns são autorizados apenas por uma parcela da sociedade e determinados sujeitos e segregados a outros, havendo, neste sentido, determinadas regras impositivas de discursos e/ou de formas de discursos.

Conforme a situação e o local que ocupamos na sociedade, o discurso é sempre controlado, o que nos leva a dizer algumas coisas e/ou proibir outras. E assim, não somos capazes de viver sem ‘verdade’, a qual Foucault (1999) chama de “vontade de verdade”. Trata-se de um processo externo de controle de exclusão que cerca, impõe e exerce pressão sobre as produções discursivas. Ou seja, a “vontade de verdade” rege nossa vontade de saber, e, sobretudo, a maneira pela qual uma sociedade aplica o saber. Como mencionado anteriormente, funciona de forma a valorizar uma forma e outra não, distinguir entre o verdadeiro e falso.

De acordo com Foucault (1999) elegemos características e discursos como verdade determinadas vezes, pois a “vontade de verdade” faz com que não nos perguntemos se tais discursos são efetivamente verdadeiros. Porém, quando assumimos discursos como verdades, eles acabam funcionando como regra, como parâmetros, como uma maneira de guiar certos comportamentos e pensamentos dos indivíduos. Levando-nos, por diversas vezes, sem analisar e/ou discutir, considerarmos um discurso como verdadeiro.

Sobre a verdade, Foucault (*apud* VEYNE, 2011, p. 56) afirma que ela “é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções. E detém efeitos reguladores de poder”. Para ele cada sociedade acolhe discursos como sendo verdadeiros, ou seja, cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, o qual é imposto tanto aos dominados quanto aos dominantes. Foucault afirma que “o regime de verdade não é simplesmente ideológico ou superestrutural; ele foi uma condição de formação e de desenvolvimento do capitalismo” (*ibid.* p. 51).

E os jogos de verdade aparecem como um conjunto de regras de produção dessa verdade, que pode ser considerada como válido ou não. De acordo com Foucault (1999) quem fala a verdade são indivíduos livres, os quais entram em consenso e estão inseridos em uma determinada rede de práticas e de instituições coercitivas.

Foucault (1999) assegura que é a partir dos jogos de verdade que se constroem possibilidades de modos de subjetivação dos indivíduos bem como as de construções dos objetos de conhecimento. Estes jogos de verdade alicerçados nas relações de poder são responsáveis pela constituição dos indivíduos em sujeitos. Tratam-se, pois, das regras que possibilitam a construção do discurso de um sujeito sobre o que é verdadeiro ou falso em relação a certo objeto.

Percebe-se que para Foucault (*apud* DREYFUS e RABINOW, 2010) não existe um sujeito pré-estabelecido do qual emanaria as relações de poder. O sujeito é constituído, produzido dentro de uma conjunção de estratégias de poder. Ou seja, o sujeito é histórico, um produto das relações de poder, não seu produtor. Não há um sujeito que estaria alienado por ideologias, por relações de poder que encobririam sua visão da realidade.

Como para Foucault (1999) os discursos que permeiam nossa sociedade são controlados e perpassados por formas de poder e de repressão, para ele “poder” é uma prática social, não é uma dominação global e centralizada que se pluraliza, é historicamente constituído, se difunde e repercute nos setores da vida social de modo homogêneo, como tendo existência própria e formas específicas. Foucault (*apud* DREYFUS e RABINOW, 2010, p. 246), afirma que “[...] o poder não é uma instituição, nem uma estrutura, nem uma certa potência da qual alguns seriam dotados: é o nome que damos a uma situação estratégica complexa em uma sociedade dada.”

Os “jogos de verdade” produzem discursos dominantes estabelecidos como verdade, que delegam a ideia do “discurso verdadeiro”. Este filósofo não se preocupa em definir o que é verdade e o que não é, mas questiona por que algumas coisas são consideradas

verdades enquanto outras não. Compreende-se então, que o sujeito não é detentor, mas sim efeito das “relações de poder”, que os inserem na “ordem do discurso” de acordo com o lugar social que ele ocupa no contexto.

Foucault (*apud* VEYNE, 2011) nos revela que *poder, saber e verdade* mantêm relações múltiplas, ou seja, o saber justificar o poder e esse poder põe em prática a ação do saber, e por sua vez desse processo ocorre a instituição da verdade. Como vemos em Veyne (2011),

(...) o saber é frequentemente utilizado pelo poder, que frequentemente lhe presta auxílio. Bem entendido, não se trata de erigir o Saber e o Poder como uma espécie de casal infernal, mas de precisar a cada caso quais foram suas relações e, em primeiro lugar, se as tiveram, e por que vias. Quando as têm, eles se veem num dispositivo e se auxiliam mutuamente, uma vez que o poder é sábio em seu próprio domínio, o que dá poder a certos saberes. (VEYNE, 2011, p.55)

Michel Foucault (*apud* VEYNE, 2011) trata, então, a questão do poder relacionando-o com o saber. Para ele não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem de saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. O saber consiste em entrelaçar o visível e o enunciável, o poder é a sua causa pressuposta, mas inversamente, o poder implica saber.

Na visão de Foucault (1999) existem mecanismos específicos do controle do poder, esses mecanismos disciplinam e controlam os indivíduos conduzindo-os ao isolamento, na busca de um maior rendimento e maior eficiência. Como elemento fundamental nesse mecanismo de disciplina, têm-se a vigilância, que ao mesmo tempo em que é estabelecido um poder disciplinar, produz-se saber, contínuo e permanente. Neste sentido, considerado que o sujeito é um lugar social, Foucault (*apud* VEYNE, 2011) dirá que o sujeito é produto do poder e do saber.

Dado este lugar social, o sujeito se molda e se modela para adequar-se a dados grupos de indivíduos e assim conseguir se inserir na “ordem do discurso”, subjetivando-se, assim, a uma determinada identidade.

3.3 DA IDENTIDADE AO ESTEREÓTIPO: MODELANDO PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA

Consoante ao explanado anteriormente, os indivíduos são interpelados pela ideologia a ser sujeito através das “vontades de verdade”, alicerçadas nas “relações de poder”, por meio dos “jogos de verdade”. As “relações de poder” privilegiam dadas representações sociais, as quais são idealizadas por dado comportamento. Fazendo com que essas relações, alicerçadas nas “vontades de verdade” modelem determinadas identidades.

Para ajustar-se ao estabelecido pelo social, o sujeito necessita estar inserido na “ordem do discurso”. Logo, alguns comportamentos e algumas formas de ser do sujeito se transformam motivados pelo “poder”, com a finalidade de se inserir nesta “ordem do discurso” visando ser aceito em dado grupo o indivíduo subjetiva-se a uma determinada identidade.

Segundo Hall (*apud* HALL 2011, p. 13) identidade é uma “‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” Sendo assim, por meio de concepções pós-modernas, identidade não pode ser vista como uma ideia de sujeitos centrados em si. A ideia do sujeito cartesiano considera que a identidade se apresenta como algo “descentrado”, “deslocado”, “fragmentado”. (HALL, 2011, p. 8)

Percebe-se a ideia de identidade como uma “celebração móvel”, “definida historicamente” (HALL, 2011, p. 13), que assume diferentes formas em diferentes momentos, não unificada ao redor de um “eu” coerente. (*ibid, ibidem*) Ou seja, determinada pelo contexto histórico e tomando-a como um construto que não é fechado em si mesmo.

Diante dessas considerações, podemos observar o conceito de identidade intimamente ligado às práticas sociais em constantes transformações, influenciadas historicamente, como um construto sóciodiscursivo. Vendo-a como um processo.

Assim, podemos afirmar que “a identidade é realmente formada, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato”. (HALL, 2011, p. 38)

Como foi dito, a identidade se dá em permanente transformação, por ser uma construção complexa e essencialmente inacabada, completa-se, mesmo que temporariamente, a partir de distintas identificações. Tais identificações surgem de nosso “‘pertencimento’ a

culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. (HALL, 2011, p. 8)

Portanto, o sujeito vive numa constante mobilidade identitária, se pondo em busca de sua completude. O(s) processo(s) de mudança(s) e transitoriedade pelo(s) qual(is) o mundo contemporâneo está passando faz com que percebamos e ajamos em sociedade de forma a nos adequarmos exigindo-nos novos conhecimentos e percepções. Contribuindo para o que Hall (2011) chama de “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas.

Diante desse processo, dessas formas de representações e imagens de como sujeitos são vistos e se veem na sociedade, eles ocupam distintos “lugares identitário” em relação ao outro. Como por exemplo, o sujeito professor que antes era visto como detentor do saber e mero transmissor de conhecimento que se utilizava de práticas descontextualizadas da realidade do aluno e passou a ser visto como mediador da aprendizagem, um estimulador de processos que levem os alunos a construir conceitos, valores e conhecimentos. Tal mudança deu-se pela evolução histórica, com a globalização surgiram novas tecnologias, fazendo com que a interação aluno-professor se torne cada vez mais dinâmica.

Dessa forma, diante da complexidade de identificação dos sujeitos, deparamo-nos com um fenômeno próprio da vida em sociedade que se encontra ligado a um conceito bastante forte de construção e disseminação das imagens de determinado sujeitos: o estereótipo.

Silva (2000) apresenta essa nomenclatura como “opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence”. Já Hall (2006) afirma que:

o estereótipo faz parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ele estabelece uma fronteira entre o “normal” e o “patológico”, entre o “aceitável” e o “inaceitável”, o que “pertence” e o que “não pertence”, ou o “outro” entre “os de casa” e “os de fora”.² (grifos do autor) (HALL, 2006, p. 258)

Podemos inferir que, assim como identidade, o estereótipo é construído sob dois pilares: o social e o histórico. E é perpetrado através de práticas discursivas consolidadas, de uma representação coletiva cristalizada.

² In: <http://www.tanianavarros-wain.com.br/labrys/labrys20/bresil/denise.htm>

É possível perceber que a cultura é um elemento responsável pela disseminação dos estereótipos na sociedade. Encontrados em diversos discursos, normalmente, os estereótipos estão inseridos em determinadas condições histórico-sociais. Possenti (2010) nos mostra que os estereótipos “são construtos produzidos por aquele(s) que funcionam(m) como o(s) Outro(s) para um grupo”.

Referindo-se a cultura, Laraia (2011) afirma que o homem tem propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural por ver seu mundo através de uma cultura única, a sua. E vai além, ele afirma que nossa cultura “sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria” (*ibid.*, p. 72).

Em uma vídeo-palestra³ proferida pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie em um evento da *Technology, Entertainment and Design* (TED), ela nos mostra uma “nova” compreensão acerca das diferenças, da imersão na estereotipação e da discriminação das identidades culturais. Ela afirma que não é possível conhecer uma história apenas, histórias constituem o sujeito. A propensão em considerar histórias únicas, faz com que se criem estereótipos. Para Adichie, o problema com estereótipos não é que eles sejam mentiras, não é que eles sejam errados, mas que eles são incompletos. Pois, geralmente ouve-se apenas o lado da história de quem detém o “poder”. Fazendo com que, insistamos apenas em contar histórias negativas que “superficializam” e “negligenciam” quem somos de fato e silencia muitas outras histórias.

Todavia, um estereótipo nem sempre está vinculado à negatividade como, por exemplo, o nordestino que é conhecido como um povo acolhedor e muito trabalhador. No entanto, corresponde a um padrão fixo, um molde que serve para (re)produzir falsas generalizações identitárias. Desse modo, tornando-se responsáveis pela estruturação de modelos, de padrões que contribuem para (pre)conceitos e julgamentos de determinadas identidades e posições sociais.

Diante do exposto, podemos compreender que no discurso não importa a substância daquilo que é proferido, e sim o seu posicionamento na malha de tensões sociais. Tais tensões são estabelecidas pela linguagem, por valores ideológicos, em crenças e valores que consubstanciam intolerâncias e preconceitos. Voltaire (*apud* LEITE, 2008) no *Dicionário filosófico*, ao definir preconceito, diz:

³ In: <https://www.youtube.com/watch?v=SZuJ5O0p1Nc>

“o preconceito é uma opinião sem julgamento” (p. 428) e, ainda mais, até afirma a existência de “preconceitos universais, necessários, que representam a própria virtude” (ibid.), dentre os quais cita a crença em “um Deus remunerador e vingador” (ibid.). (LEITE, 2008, p. 20)

Sendo assim, é de grande importância ressaltar que o preconceito destacado por nossa pesquisa, acerca do sujeito caipira, está diretamente ligado aos discursos determinadas por condições históricas, sociais e ideológicas. Tal opinião “sem julgamento” é propagada por um conjunto de regras de produção de verdade, um conjunto de procedimentos que conduzem um determinado resultado, que pode ser considerado – em função de seus princípios e de suas regras de procedimento - como válido ou não, os chamado “jogos de verdade”, para Foucault (1999).

Pode-se pensar que preconceito e intolerância tratam-se da mesma coisa, porém ao analisarmos com bastante atenção vimos que esta diz respeito “à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações.” (LEITE, 2008, p.20), ou seja, trata-se de um comportamento. Enquanto aquele, “é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo” (ibid., p. 20), se refere a uma discordância, que pode existir e jamais ser revelada. Leite (2008) define intolerância de forma dedutiva em oposição ao verbete tolerância, como “a dificuldade de o ser humano aceitar bipolaridades, (...) o que pode levar o homem a um comportamento agressivo, à perseguição do adversário”.

Já o preconceito, consoante ao dito anteriormente, ao contrário do que vimos pela definição de intolerância “não leva o sujeito à construção de um discurso acusatório sobre a diferença”, pois é construído pelo que o sujeito assimilou culturalmente e tem sua origem “na tradição, no costume ou na autoridade”. (LEITE, 2008, p. 22)

Diante disso, o fato de os estereótipos serem uma forma de simplificar nossa visão de mundo, faz com que nos utilizamos dele como atalho para entender o mundo que nos rodeia. A consequência negativa desta utilização está nas generalizações incorretas que rotulam as pessoas e não permitem que estas sejam enxergadas (e tratadas) como indivíduos singulares com características próprias.

Percebemos então, que os estereótipos fazem parte de nossas formulações discursivas e sua construção está intimamente ligada e relacionada com as “vontades de

verdade” que circulam em nossa sociedade. Desta forma as “vontades de verdade” são orientadas pelas relações de poder às quais o sujeito é submetido.

Dentre as várias formulações discursivas presentes em nossa sociedade podemos citar as HQs, aqui consideradas jogos de verdades. Assim, com base nessa representação observamos que os estereótipos contribuem na composição e/ou estruturação da identidade caipira identificadas nas HQs do Chico Bento.

No tópico seguinte nos propomos a apresentar um breve resgate histórico das HQs brasileiras. Para tanto, fez-se necessário um retrospecto histórico de algumas histórias em quadrinhos que serviram de marco e/ou foram de grande importância para a consolidação desse gênero no cenário brasileiro.

3.4 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DAS HQS BRASILEIRAS

Chegando ao Brasil no Século XIX, as histórias em quadrinhos tiveram seu início com base em um estilo satírico, popularmente conhecidos como *cartuns*, *charges* e/ou caricaturas, que anos depois se tornariam as famosas Tiras. Embora nesta época o país contasse com grandes artistas cartunistas; ainda assim havia forte influência estrangeira cujo mercado era dominado por publicações de quadrinhos americanos e europeus (estilo *Comics* dos Super-heróis) e japoneses (os Mangás).

Em 1952 é lançado o modelo “formatinho” para revistas, adotado pela Editora Abril tendo dimensões menores do que as revistas estrangeiras, geralmente 13 x 21 cm, parecido com o A5, tornando-se padrão nas publicações brasileiras.

Foi com Ângelo Agostini, o mais importante artista gráfico do Brasil na segunda metade do século XIX e introdutor das histórias em quadrinhos entre nós, que a charge e as HQs emergiram no Brasil. Sobre esse artista dos quadrinhos, Cirne (*apud* CÓRIO, 2006) comenta que

sob a voltagem do humor grotesco, satírico, às vezes cáustico, a caricatura encontrava em Agostini o seu melhor caminho: um caminho que, em sendo político, era profundamente social em sua crítica e costumes e dos preconceitos culturais. Só que Agostini não se contentava com a imagem isolada, paralisada: ele avançou no tempo e no espaço ao propor a aventura sequenciada, marcada por cortes gráficos que iriam determinar a

estrutura narrativa de toda e qualquer história em quadrinhos. O traço caricatural realiza-se com plenitude na multiplicidade de desenhos cômicos, conteudístico e formalmente interligados. (CIRNE *apud* CÓRIO, 2008, p. 62)

A primeira história em quadrinhos totalmente feita por um artista brasileiro, data 1867⁴: *As Cobranças*, de Ângelo Agostini. Em 30 de janeiro de 1869, na revista *Vida Fluminense*, tem início uma série de personagens fixos em *As aventuras de Nhô Quim* ou *Impressões de uma Viagem à corte*⁵. Tratava-se, pois, de um personagem caipira rico, ingênuo, trapalhão e que era apaixonado por uma moça pobre. Na *Revista Ilustrada*, lançada em 1876, o artista escreveu histórias de grande sucesso, como um estereótipo de caipira chamado *Zé Caipora*⁶, que posteriormente voltaria nas publicações *Dom Quixote*⁷, em 1901, e na editora O Malho, em 1904. Esta, no ano seguinte, publicaria a revista *Tico-Tico*. Embora outras obras utilizando a linguagem quadrinhística tenham sido veiculadas no país antes dela, a história de Agostini é a primeira a concentrar vários dos elementos que caracterizam os quadrinhos: publicada em sequência, com personagem fixo e com enquadramentos verdadeiramente cinematográficos.

A revista *O Tico-Tico*⁸ foi lançada em 1905, e trouxe ao país alguns dos mais conceituados personagens mundiais da época, a família Disney (como Mickey, Donald, etc.) e o *Gato Félix*, além de republicar o *Buster Brown*, que aqui no Brasil inspirou um personagem de nome *Chiquinho*⁹, que de fato tratava-se de uma cópia não autorizada daquele. O “Chiquinho” brasileiro foi criado 1914, de autoria de Luís Gomes Loureiro. Coube a ele situá-lo ao ambiente local e dar-lhe uma base cultura nacional, adaptando o *Buster Brown* a realidade brasileira.

O desenhista italiano soube captar os traços da vida política e da vida dos tipos populares, assim como soube lutar, por meio de seus desenhos, pela libertação dos negros escravos. Cirne afirma que:

o desenvolvimento dos quadrinhos no Brasil torna-se dinâmico dentro da cultura de massa a partir de dois períodos importantes: o primeiro foi o

⁴ In: <http://bibliotecno.com.br/periodicos/revistas/revista-illustrada-rio-de-janeiro-1876-1898/>

⁵ In: <http://iconografico.wordpress.com/2012/02/25/nho-quim-ou-impressoes-de-uma-viagem-a-corte/>

⁶ In: http://www.universohq.com/quadrinhos/especial_agostini.cfm

⁷ In: <http://www.sandrofortunato.com.br/salgo/2008/01/30/as-aventuras-de-angelo-agostini/>

⁸ In: http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2012/03/personagens-com-identidade-brasileira_20.html

⁹ In: <http://www.semoreilha.com.br/graphic-novel-blog-2/chiquinho-historia-da-hq/>

lançamento da revista *O Tico-Tico* publicado, em cores, pela editora o Malho, no dia 11 de outubro de 1905.¹⁰

Com o surgimento da revista *O Tico-Tico*, o leitor brasileiro ganhou um veículo inteiramente nacional. Essa “brasilidade” lembra um período precursor do movimento de valorização da cultura nacional. Relacionando-se, pois, ao estereótipo do sujeito cidadão brasileiro conhecido pelo seu espírito brincalhão e jocoso enfatizado na denominação bem-humorada dos personagens, - Cirne reforça essa ideia ao dizer que é preciso que o “quadrim brasileiro contenha, em sua essência [...] os nossos dengos e nossos costumes”¹¹.

Em 1929, *A Gazetinha*, e, em 1949, *A Gazeta Juvenil*, foram lançadas pelo jornal *A Gazeta de São Paulo*. Posteriormente, Roberto Marinho, lança o *Globo Juvenil* que publica histórias de *Ferdinando*, *Brucutú*, *Zé Mulambo*, *Don Dixon*, etc.

Em 1939, a editora do Globo lança *O Gibi*¹². Em curto período, teremos o *Gibi Semanal*, o *Globo Juvenil* (desde 1937), o *Gibi Mensal* e o *Globo Juvenil Mensal*. É apropriado mencionar o sentido original da palavra gibi: “Gír. desus. Meninote preto; negrinho” (*apud*. Ferreira, 1983, p. 1838); pois, a palavra caiu em desuso e já não é mais reconhecida neste sentido. Transformando-se em sinônimo legítimo para o “nome registrado de determinada revista em quadrinhos, infanto-juvenil” (*ibid.*, p. 1838).

Em 1959, surge a primeira conquista nacional na História em Quadrinho, com um personagem do nosso folclore, resgatando temas do nosso cotidiano e da cultura nacional, *Pererê*, de Ziraldo Alves Pinto.

Em jornais, nesse mesmo ano, surge uma tira de quadrinhos diária cujo personagem principal é um cãozinho chamado *Bidu*, obra de Maurício de Sousa, que naquele mesmo ano ganha revista própria. Esse é um o maiores quadrinista brasileiros de todos os tempos, visto que, a série *Turma da Mônica* dominou o mercado de HQs infantis no país e é publicado no exterior, em várias línguas.

A *Turma da Mônica* foi publicada pelas editoras Abril e Globo, e desde 2007 vem sendo publicada Panini Comics, além da publicação de tiras no formato de bolso pela própria Panini e pela L&PM.

¹⁰ In: Cirne *apud* CÓRIO, Maria de Lourdes Del Faveri. Orientador, MARÇOLLA, Rosângela. Nivel, M. *O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade*. Marília/SP. 2006. p. 64.

¹¹ *id.*, *ibid.*, p. 65.

¹² In: <http://www.brasilcultura.com.br/artes-plasticas/historia-em-quadrinhos-no-brasil/>

Nessa série há uma grande quantidade de personagens. Apenas cinco personagens, de Maurício de Sousa, os principais, possuem almanaques ou revistas semanais. São eles: a Mônica, que é tão forte que faz inveja a muitos super-heróis; o Cebolinha, com seus cinco fios de cabelos espetados e que fala trocando o “R” pelo “L”; o Cascão, que tem aversão à água, e foge dela nem que seja adquirindo super poderes, como bater os braços e sair voando; temos a Magali que come quilos e quilos de comida em grande velocidade e não engorda um quilo; e o Chico Bento, o qual não faz parte realmente da Turma da Mônica, pelo fato de não morar na “Rua do Limoeiro” e todos os demais sim.

Dentre os personagens secundários podemos citar:¹³

Turma da Mônica: Aninha – Anjinho – Alfacinha – Bloguinho – Capitão Feio – Carminha – Cascuda – Denise – DoContra – Dorinha – Dudu – Franjinha – Frufru – Humberto – Jeremias – Keika – Luca – Manezinho – Marina – Massaro – Nico Demo – Nimbus – Quinzinho – Seu Juca – Tevelusão – Tikara – Titi – Xabéu – Xaveco – Zé Luís.

Turma do Chico Bento: **Rosinha** - par romântico de Chico Bento está sempre entre as melhores na sala de aula e não foge dos estereótipos de “mocinha” da história, é sonhadora, romântica, teimosa e ciumenta; **Zé Lelé** - primo de Chico, é o companheiro do protagonista, anda quase sempre descalço, usa um chapéu parecido ao do primo, e é um pouco mais caricato do que esse; **Zé da Roça** - é um caipira mais vaidoso, sua aparência é mais caprichada que a do Chico, fazendo um pouco mais de sucesso com as meninas; **Hiro** - é um mestiço com oriental, bom aluno (o que segue o estereótipo de sua raça), é o único a usar roupas mais “urbanas”: uma camiseta pólo branca e boné, ex-morador de uma cidade grande, mas cuja mudança para a roça foi há muito tempo; **Professora Dona Marocas** - paciente, porém rígida vive tentando endireitar Chico e seus estudos; **Vó Dita** - inspirada na avó de Maurício de Sousa, a que lhe contava histórias frequentemente é a conselheira do Chico e aparece nas HQs como uma contadora de causos e de histórias folclóricas; **Nhô Lau** - orgulhoso e vigilante dono da goiabeira que é frequentemente assaltada pelos garotos da turma e pelo Chico Bento; **Padre Lino** - é força disciplinadora e moral e adora comer mamão; **Giselda** - a galinha, está entre os que mais aparecem nas histórias, por vezes sendo salva da raposa por seu dono; **Primo Zeca** - primo de Chico Bento que mora na capital e frequentemente um vai passar as férias na casa do outro, é moderno, está sempre ligado nas última tendências da moda, adora ir ao Shopping, faz aula de inglês e tem dificuldade em se

¹³ In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Xaveco_\(personagem\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Xaveco_(personagem))

adaptar ao ambiente rural; **Teobaldo** - burro do Chico, desobediente, teimoso e empaca quando bem tem vontade, chamado pelo Chico de “Teobardo”; **Genesinho** – é um menino com cabelos loiros, ele possui patinetes, motores etc..., Chico detesta quando o vê saindo com a Rosinha; **Maria Cafufa** - a menina feia que é apaixonada pelo Chico Bento, sempre tenta roubar um beijo de Chico quando tem chance.

Seguindo a(s) mudança(s) do pensamento do que é ser jovem, e por sua vez estes tendo mais voz perante o meio social no qual estão inseridos, fez-se necessário alcançar este público alvo, daí a mais recente novidade da Turma da Mônica, a Turma da Mônica Jovem, lançada em agosto de 2008. Tratando-se da evolução dos personagens de Turma da Mônica, agora adolescentes. Os personagens cresceram e ao invés das confusões de criança agora as HQs abordam as dificuldades da adolescência. A revista também mudou, e tem semelhança com os mangás, de origem japonesa.

Seguindo os passos dos outros personagens, a Mauricio de Sousa Produções (MSP) estreou em dois de Agosto de 2013 a revista “Chico Bento Moço”, que mostra o personagem em versão adolescente. Chico Bento Moço vai seguir o tom das histórias originais, porém perde o sotaque caipira (denunciando este lugar da instituição educacional, do saber institucionalizado) e decide deixar a Vila Abobrinha para fazer faculdade de agronomia na cidade grande.

E é deste personagem, o Chico Bento, que trataremos no capítulo que segue. Buscaremos analisar as “vontades de verdade” e como essas auxiliam na construção do estereótipo dos sujeitos aluno - representado pelo próprio Chico Bento - e professor da zona rural - aqui representado pela professora D. Marocas - (caipiras) nas HQs analisadas.

4 OS SUJEITOS DE ENSINO: CHICO BENTO E A PROFESSORA D. MAROCAS

A partir dos conceitos da Análise do Discurso, especificamente os de Foucault, estudados até o presente momento, e o contexto escolar rural apresentado nas HQs Chico Bento, a análise desenvolvida neste capítulo busca investigar relações entre as vontades de verdade e os sentidos presentes nas HQs, construídos historicamente a partir do imaginário sóciodiscursivo.

A história em quadrinhos é um jogo de verdade, ou seja, ela é um dispositivo que produz verdades e/ou as reproduz. Ela propaga imagens dos sujeitos em nossa sociedade, dessa forma, a HQ reproduz as ‘vontades de verdades’ acerca dos sujeitos, estabelecendo discursivamente padrões e regras a cerca de determinadas identidades. Dessa forma, não devem ser lidas como se fossem uma verdade absoluta, pois, o que lá estamos lendo trata-se de uma representação da sociedade. A HQ é um jogo de verdade que retrata a realidade por meio de uma representação artística em uma pseudoliteratura.

Partindo da premissa de que a identidade se completa a partir de distintas identificações, de diferenças, nossa análise se propõe a investigar quais “vontades de verdade” atravessam os discursos e como esses alicerçam o estereótipo do sujeito de ensino da zona rural, o sujeito aluno caipira e o sujeito professor. Ademais, consideraremos a produção de sentidos associada à nossa formação social, frente às situações expressas nos quadrinhos.

Como já foi dito, os jogos de verdade produzem os discursos que propagam as “vontades de verdade”, que por sua vez são ferramentas que promovem as relações de poder as quais se concretizam em nossa sociedade através das práticas discursivas. Esses jogos de verdade (re)produzem discursos estabelecidos dominantes como verdade, e delegam a ideia do discurso verdadeiro, (pre)determinando como o sujeito deve ser de acordo com o local social que ocupa.

4.1 PROFESSORA D. MAROCAS: ESTEREÓTIPO DO SUJEITO PROFESSOR

A função docente, nas HQs do Chico Bento, é desempenhada pelo estereótipo de mestra. Deparamo-nos com a representação tradicional que circula em nossa forma social cotidiana, onde sujeito professor é considerado detentor do saber, rígido e conservador.

O sujeito professora nas HQs do Chico Bento nos é apresentado através de um processo de construção centrado na professora Dona Marocas, seguindo a representação tradicional à docência atribuída a uma personagem feminina. Aquela é mostrada de forma heterogênea, ou seja, são divulgadas marcas de subjetivação que atravessam o discurso escolar, as “vontades de verdade”. Como por exemplo: a professora tradicional (predominantemente), moralista, histérica, irritada.

Essa “vontade de verdade” propaga há muitos anos regras a serem seguidas por docentes e discentes em nossa sociedade. Ao sujeito professora cabia(e) o papel de detentora do saber e aos alunos de receptores passivos das informações que lhe eram dadas.

Nas HQs analisadas encontramos a professora representada da mesma forma, demonstrando a intenção de manter na figura estereotipada da professora em seu perfil atemporal, da professora tradicional da zona rural, uma mulher recatada.

O sujeito professor, D. Marocas, em todas as histórias, é apresentada composta pelo mesmo visual: cabelo em coque, óculos, sapato baixo, brincos discretos, roupas que alternam entre conjunto saia/blusa e vestido, mas ambos na altura dos joelhos. (Cf. Figura 1) Embora ela seja jovem, a aparência que ela tem é de uma senhora. Demonstrando uma marca pela procura de respeito, a fim de (de)marcar a posição social. As HQs retratam essa mentalidade perpetuada em nossa sociedade de que a roupa representa o sujeito. Trata-se de uma representação de nossa formação discursiva, a roupa não é discurso, mas se discursiviza naquele lugar social em que a professora está.

E por vezes também ela é representada, por uma composição carregada de “imagens simbólicas” da profissão, como livros, resmas de papel e materiais afins. (Cf. Figura 2)

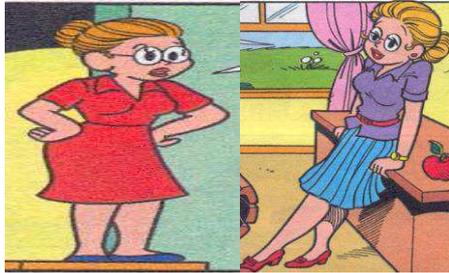


Figura 1: retiradas das HQs ‘Ronci!’ e ‘Professor(a) sofre!’



Figura 2: retirada da HQ ‘O Tagarela’

A professora do Chico cumpre um regulamento escolar que é propagado como verdade em nosso meio social, ela mantém maneiras recatadas e nada é dito sobre sua vida pessoal, e mesmo sobre sua formação profissional, demonstrando uma representação de professora que reforçar a ideia de doação à atividade acadêmica.

Na HQ *Professor(a) sofre!*, Dona Marocas aparece acompanhada pela figura de maçãs. (Cf. Figura 3) Tal imagem simbólica é conhecida popularmente por representar o conhecimento, o saber. Podemos considerar o uso de tal imagem para reforçar a figura estereotipada da professora e o hábito de os alunos oferecer de forma carinhosa à professora, especialmente nas séries iniciais do ensino.



Figura 4: retirada da HQ ‘Professor(a) sofre!’

Frequentemente, em frente ao quadro-negro, a postura da professora D. Marocas reflete a metodologia que tradicionalmente é associada à docência: com postura ereta, indicando propriedade e seriedade ao expor seu saber, recorrendo, algumas vezes, ao dedo indicador em riste para indicar o conteúdo. Em vários momentos de nossa análise, o que nos chamou atenção foram as práticas docentes adotadas pela professora Marocas. Observamos recorrência nas HQs *O Tagarela*, *Ler faz bem* e *É o bicho! É o bicho!*, onde a exposição do conteúdo não acontece de forma contextualizada, caindo num lugar comum de que a aula surge de qualquer jeito. (Cf. Figura 5)



Figura 5: retirada da HQ “Ler faz bem”

A professora expõe seu conteúdo, sem intervenções dos alunos, atribuindo, com seu tom magistral, maior veracidade à sua exposição. Do que observamos nas HQs, podemos depreender o tratamento tradicional que ela dá aos conteúdos, e o contexto marca tão intensamente que o sujeito da ação é a própria professora. Este sujeito de ensino é destacado pelo estereótipo da professora extremamente rígida e conservadora, como podemos observar expresso pela fala de D. Marocas em *Ler faz bem!*: “Quieto, chico! Isso é modo de falar!”. (Cf. Figura 6)

Essa imagem do professor não emerge do nada, ela é/foi criada no seio da nossa formação social. Podemos observar essa imagem nas HQs *Ler Faz Bem* e *O Tagarela*. Esse estereótipo de professora em sala aula ele advém da nossa formação social. Trata-se de um reflexo dessa formação social desse lugar que é a escola.



Figura 6: retirada da HQ ‘Ler faz bem’



Figura 7: retirada da HQ ‘O Tagarela’

Sendo assim, quando Dona Marocas assume o lugar social de professora, ela assume também o perfil deste profissional, e não deixar que o sujeito aluno ameace tal perfil. Por isso, algumas vezes, podemos notar nas HQs analisadas que na hora que a professora esta explicando, com sua representação de detentora do saber, se o aluno fala, ela chega a ser é ríspida e rígida, por vezes histérica. Pois, a voz ali, no ambiente da sala de aula não é a voz do aluno, não é o lugar da voz do aluno, é o lugar da voz da professora. Ela tem o direito de reclamar da intromissão feita pelo Chico. É válido atentar para o fato de que nenhum dos coleguinhas de classe do Chico Bento o faz, mas a professora e somente a professora.

Predominantemente, a professora é retratada dirigindo-se oralmente aos alunos, seja através da técnica de perguntas, seja induzindo a respostas “prontas”, ressaltando a memorização dos conteúdos, sem evidências da incorporação de novas estratégias que levem a uma maior problematização sobre as informações. A presença de práticas com aspectos metodológicos de não contextualização, como podemos ver nas HQs *Ler faz bem*, *O pai de Aviação* e *O Tagarela*, onde a professora aparece explanando o assunto enquanto os alunos passivamente copiam o que ela diz. (cf. figuras abaixo). Como por exemplo, na Figura 9 onde mais uma vez, como afirmado acima, a aula surge de qualquer lugar, sugerindo uma ausência de planejamento, de forma a atentarmos para o fato de que D. Marocas segue uma metodologia que adequa-se ao “rumo” que a aula pode tomar.



Figura 8: retiradas da HQ *Ler faz bem* e *O pai da aviação*



Figura 9: retiradas da HQ *O Tagarela*

Outro aspecto que podemos mencionar é o fato de do sujeito professor nas HQs serem destacados como “senhora da razão”, uma vontade de verdade compartilhada por muitos estudantes de nossa sociedade. D. Marocas aparece sempre dizendo tudo aos alunos, como, quando e de qual modo farão as atividades, (Cf. Figuras 10 e 11) e ainda como devem proceder em sala. Não há espaço para perguntar: ‘O que vocês gostariam de ler?’

Este fato, corriqueiro em sala de aula, nos traz uma questão a ser pensada: se a professora manda, ela não dá abertura para que haja nenhuma forma de contestação. A teoria

pedagógica teoriza que a participação do aluno é fundamental para o processo de aprendizagem, porém a verdade a cerca desta realidade nos mostra que o estereótipo é de que o professor manda e os alunos obedecem.

A aprendizagem deveria ser um processo, onde o professor seria o norte que ajuda o aluno a descobrir, a reconstruir e a posicionar-se frente ao conhecimento. E as práticas pedagógicas devem alicerçar as paredes da sala de aula, fazendo com que as aprendizagens sejam significativas, a fim de formalizar os saberes construídos fora do ambiente escolar, tornando-os válidos e reconhecidos pelas práticas escolares. Pois, mesmo consciente de que seus alunos possuem conhecimentos e considerando a possibilidade desses serem inseridos ao ambiente escolar, D. Marocas precisa submetê-los a provas com o objetivo de atribuir notas, validando assim, seus conhecimentos.



Figura 10: retirada da HQ 'Ler faz Bem'



Figura 11: retirada da HQ 'É o bicho! É o bicho!'

Nas Figuras 12 e 13, verificamos uma presença constante nas HQs a punição. Dona Marocas se apresenta, em diferentes situações, demonstrando a autoridade que lhe convém no papel de professora, atribuindo punições e castigos a ações inadequadas de seus alunos, em especial, do Chico Bento. O objetivo dos atos punitivos seria o de expor, o aluno, à frente da turma, cerceando-lhe as ações; privando a criança em idade escolar (ativa, dinâmica, inquieta) de seus movimentos. Já no castigo, insistindo na falta, para total irritação da professora, o aluno recebe a punição, nas HQs analisadas, é escrever cem vezes a mesma frase com a finalidade do aluno demonstrar arrependimento pelo mau comportamento, implicitamente comprometendo-se a não incidir no erro. É importante ressaltar o modelo de punição no qual a professora recorre ao banquinho, autoridade na sala de aula, a de punir e castigar alunos que não se comportam de acordo com as regras pré-estabelecidas pela instituição escola.



Figura 12: retirada da HQ 'Ronc!'



Figura 13: retirada da HQ Professor(a) sofre!

Dentre os títulos das historinhas analisadas na HQ atentamos ao *Professor(a) sofre!*. O título (Cf. Figura 14) imprime uma identidade a produção textual, ele nos indica o caminho e as impressões acerca do que esperar do texto. Impressões estas que podem se consolidar ou não. Corroborando com essa ideia, nos deparamos com mais uma vontade de verdade presente em nossa formação social, a de que professor sofre, o tão amplamente conhecido 'sofressor'. Tal verdade advém da realidade de que o professor sofre no dia a dia de seu trabalho frente às múltiplas dificuldades da profissão e acaba silenciando diante das responsabilidades e culpas que lhe são atribuídas no processo de ensino–aprendizagem.

PROFESSOR(A) SOFRE!

Figura 14: retirada da HQ Professor(a) sofre!

Na Figura 15 nos remete a uma vontade de verdade presente em nossa formação social. Aqui a vontade expressa está se referindo a ler um texto escrito. O que marca a importância da leitura, de ler para a nossa formação social. Atente para o fato de que é de senso comum a verdade que '*Ler faz bem!*', para o cérebro, para a saúde do corpo. A leitura fornece bens para nosso cérebro, ao lermos precisamos de conhecimentos, forçando o leitor a realizar um trabalho de compreensão e interpretação, ajudando a manter a atividade cerebral ao longo da vida, fazendo com que sejam prevenidos futuros problemas de saúde.



Figura 15: retirada da HQ Ler faz bem

Se partirmos do princípio que para professora, ao pedir para os alunos de sua sala de aula lerem um livro, ela não se refere a leitura de mundo. Ela se refere à leitura e ao saber sistematizado da escola. E é a partir dessa consideração que o Chico Bento passar a ser considerado um aluno problema, o preguiçoso e burro, estereótipos propagados como vontades de verdade em nossa formação social e discursiva.

4.2 CHICO BENTO NA ESCOLA: ESTEREÓTIPO DO SUJEITO ALUNO

O sujeito aluno, nas HQs do Chico Bento é apresentado com muitas marcas já amplamente divulgadas e aceitas em nossa sociedade, a exemplo, sujeitos dóceis e/ou disciplinados. Apesar de, em alguns momentos, aparecer nas HQs outro sujeito, aquele que origina conflitos na sala de aula quando rompe com as regras estabelecidas, este é o Chico Bento, aquele que protagoniza momentos de resistência. Momentos de escapes, nos quais reage ao poder disciplinar, à instituição, à sua organização e aos seus mecanismos disciplinadores criando novas possibilidades de existir, (de)mostrando que há na escola também lugar para a alegria, a descontração, a criatividade, a intervenção e a improvisação.

Há uma verdade em nossa formação social que o homem do campo é rústico, que ele não usa dadas tecnologias, que é amante da natureza. Em contrapartida, ele é tão ingênuo que chega a ser considerado de forma apressada e estereotipada com ‘burro’, representado como um sujeito que tem dificuldade de aprender esse conhecimento sistematizado disseminado pelas escolas. Em nossa análise veremos que é o que acontece com sujeito aluno Chico Bento.



Figura 16: retirada da HQ Ler faz bem



Figura 17: retirada da HQ O Tagarela



Figura 18: retirada da HQ Professor(a) sofre!

Verificamos na Figura 16, 17 e 18 uma ação do Chico Bento que será recorrente frente ao sujeito professora, ele se posiciona de forma a estar se contrapondo a essa fala determinada e determinista da professora. Este posicionamento aparecerá nas HQs *Ler faz bem* (Cf. Figura 3), *O Tagarela* e *Professor(a) sofre!*.

Sem ter consciência deste enfrentamento o Chico ocupa um lugar, o da criança, que é de estar sempre questionando, indagando, perguntando a respeito de algo que não entende. Descobrimos aí a voz do Chico Bento, essa voz da inocência, a voz da criança que denuncia o que está errado, que denuncia o que não caminha na escola.

A falha desse sujeito aluno dá-se por fazê-lo na zona rural. Dessa forma, o seu discurso é assimilado, daí surge uma vontade de verdade em relação à zona rural, tomando-o como lugar do não saber, onde o saber sistematizado não caminha. Tratando-se, pois, o saber rural, segundo a nossa formação social um saber intuitivo associado aos indivíduos desta, prevalecendo o estereótipo de pessoas que sabem a hora olhando o tempo, sabem a época para o plantio. Este saber não alicerçado na ciência acadêmica é na ciência popular.

Nas historinhas do Chico Bento, este personagem vem fazer uma crítica à escola ao mostrar o que não caminha bem. Nessa escola que é tradicionalista, retrógrada, atrasada, conservadora, por vezes obsoleta, a escola que não evolui.



Figura 19: retirada da HQ Ler faz bem



Figura 20: retirada da HQ Ler faz bem



Figura 21: retirada da HQ Professor(a) sofre!

Podemos observar o discurso Chico Bento atravessado por uma vontade de verdade em “*Livro?! Qui chatura!*”, na Figura 19. De acordo com a verdade propagada em nossa sociedade crianças não gostam de ler. Inúmeros seriam os motivos, pelo fato de não saberem ler bem, e as que sabem não têm interesse pela atividade, ou por se depararem com dificuldades de aprendizagem, das mais distintas naturezas, as impedindo de ler, ou então elas não são encorajadas pelos pais e ainda o fato de não terem contato com livros adequados a sua faixa etária.

Associando, pois, à presença do estereótipo do aluno que tem preguiça de ler, que olha o livro pelo tamanho ou mesmo tem preguiça de estudar. São todos estereótipos de leitores temos no Brasil, sobretudo na zona rural. O leitor da zona rural como vimos anteriormente, é que não sabe ao menos para que serve o livro. Conseguimos observar o estereótipo de aluno preguiçoso nas HQs *Ler faz bem* (Cf. Figura 20).e *Professor(a) sofre!* (Cf. Figura 21).

Se partirmos do princípio que para professora, ao pedir para os alunos para lerem um livro ou fazerem uma atividade, ela não está se referindo leitura ou vivência de mundo. O Chico Bento pode ser considerado um aluno problema, o preguiçoso e burro. Contudo, o Chico Bento percebe o mundo dele, o mundo que cerca muito bem. Vale salientar que, a leitura feita pela personagem não é a leitura que a professora de refere, ela quer uma leitura sistematizada, própria da escola.

Para tal caracterização da personagem, o autor parte da premissa de que “(...) a identidade é social, imaginária, representada”, Possenti (2002, p.156). Ele identifica a estereotipagem como algo imaginário e oriundo do senso comum da/na sociedade, ela apresenta traços que a caracterizam com o que seria a representação “idêntica” ou mais próxima do dito mundo real (mundo empírico que vivemos).



Figura 22: retirada da HQ O Tagarela



Figura 32: retirada da HQ O pai da aviação



Figura 24: retirada da HQ RONC!

Na figura 22 o Chico Bento se mostra encabulado, - atente para o texto não verbal - sem coragem de falar. Pois, a professora é a voz da autoridade. Demonstrando mais uma vez que o acesso a o conhecimento e sua aquisição está com o docente, de quem o aluno depende para aprender. Chico Bento sabe que tem que respeitá-la, pois a “vontade de verdade” é a de que ‘é a professora que nos ensina a construir o conhecimento’. Conhecimento este, que precisamos ter para não sermos considerados no que se tem de verdade em nossa formação social como “burros”. Esta sensação vivenciada pelo Chico aparece nas HQs *Ler faz bem*, *O Tagarela*, *O pai da aviação* e *RONC!* (Cf. Figuras 23 e 24)



Figura 25: retirada da HQ Ler faz bem

Observamos na Figura 25 que a professora Marocas parte sempre do princípio de que o Chico Bento não faz, que ele é o aluno problema não foi “capaz de ler um único livro”, ou seja, ela vê o Chico Bento como um incapacitado, como burro. Marcando mais um estereótipo do homem do campo como incapaz de assimilar e apreender informação, saberes sistematizados propagados nas escolas, contando-o como burro – a “vontade de verdade” que o homem do campo é burro, ignorante e incapaz atravessara várias vezes o discurso nas HQs O tagarela, O Pai da aviação, Ler faz bem e em *É o bicho! É o bicho!* (Cf. Figura 19)

Na HQ *Professor(a) sofre!* podemos observar o estereotipação do sujeito aluno burro em vários momentos da história. O objetivo dessa história é passar isso, que com todos os atravessamentos, os discursos presentes alicerçam essa verdade de que alunos problema como o Chico Bento são um “desafio” para a vida do sujeito professor e que dessa forma estes não chegarão a ser a “alguém na vida”. (Cf. Figuras 26 e 27)



Figuras 26 e 27: retiradas da HQ Professor(a) sofre!

Em consonância ao explanado no parágrafo acima verificamos que na fala do Chico, (Cf. Figura 27) no segundo quadrinho, fica bem marcado o lugar do pobre, da criança pobre. Possenti (2002), afirma que o processo de estereotipagem caracteriza-se muitas vezes por uma “redução”, ou seja, centra-se numa característica específica do indivíduo que geralmente tem certo “grau” de negatividade. Contribuindo, dessa forma, para a verdade de

que criança pobre não aprende. Aparece aí, mais uma vez, uma vontade de verdade presente em nossa formação social, que através da personagem Chico Bento vem criticar a postura de determinadas posicionamentos e mostrar que todos podem aprender, independentemente de sua condição socioeconômica. Como também vem mostrar esse lugar de precariedade da escola da zona rural. A personagem estuda em uma escola pública e não tem acesso a uma biblioteca, denunciando assim, certa precariedade no ambiente escolar uma vez que a professora está pedindo para os alunos pegarem livros fora do ambiente escolar.



Figura 28: retirada da HQ Ler faz bem

Nas Figuras 29 e 30, o dormir, o não prestar atenção à aula que podemos observar de forma repetitiva nas HQs, Foucault vai chamar de estratégia de resistência a um poder que se institui. O poder seria, pois, uma prática social que controla e comanda por meio de regras impositivas, isto é, ação sobre ação. Dessa forma, a estratégia de resistência seria uma reação – inconsciente ou não - sobre um poder instituído. Se por um lado leva-se em consideração a vontade de verdade que o caipira é preguiçoso, não é levado em consideração uma verdade outra que é mostrada na HQ *RONC!*. Em um diálogo entre o Chico e seu pai mostra-se um motivo pelo qual o Chico dorme em sala de aula: ele estuda para ser o melhor da classe, incentivado pelo pai dele. Realidade esta que por vezes é silenciada nas HQs, levando-nos a perpetuar a ideia de que o Chico Bento dorme na sala de aula pelo simples fato de ser o aluno problema, que não se interessa pelos estudos. Como podemos verificar nas Figura 31 e 32.

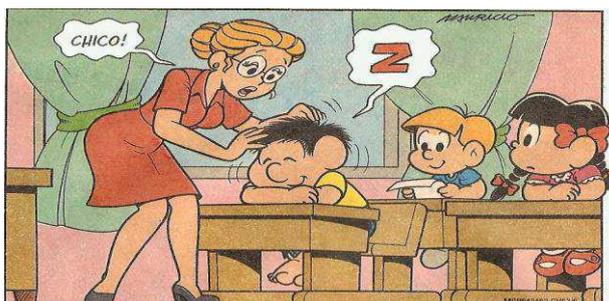


Figura 29: retirada da HQ O pai da aviação

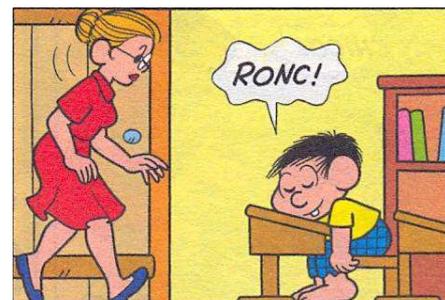


Figura 30: retirada da HQ RONC!



Figura 31 e 32: retiradas da HQ RONC!

Pela HQs analisadas, nos é notório e recorrente o fato do sujeito aluno, à primeira vista, possua o estereótipo “caipira preguiçoso e burro” como o mais se propagado, apesar deste possuir as mais diferentes características e atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do caminho percorrido nessa monografia, foi possível corroborar com a concepção de que as histórias em quadrinhos são artefatos culturais que divulgam determinadas vontades de verdade.

De maneira geral, o conjunto das historinhas do Chico Bento dialoga com uma série de elementos culturais do universo rural remetendo-nos para situações bastante específicas, como é o caso da relação professor x aluno na educação da zona rural.

Os discursos nas historinhas têm o atravessamento da representação da imagem da professora que alicerçam o lugar da perfeição, associando-o ao estereótipo do sujeito de ensino que é perfeito, que não tem defeito.

Em algumas histórias é possível observar que a figura de Chico Bento representa um mecanismo de resistência, frente à dominação do sujeito professor. É visível em alguns momentos a oposição entre o conhecimento rural de Chico Bento e o conhecimento sistematizado. Atenta-se, pois, ao fato da personagem tentar adaptar-se à ordem vigente, evitando ceder completamente às normatizações impostas por Dona Marocas.

Algo que nos chamou atenção diz respeito a uma característica que o diferencia dos outros personagens do Maurício de Sousa é o fato de ser o único personagem que frequenta a escola. O que fez que percebêssemos que há uma ligeira fuga do estereótipo caipira, que na visão tradicional do Brasil é um *ignorante*.

Por sua vez, nas histórias analisadas, a instituição escola é tida não só como um local-fonte de conflitos, como também um local onde se expressa uma série de constatações acerca da cultura brasileira, como por exemplo, assimilando o espaço rural a credices, oposição ao conhecimento científico e sistematizado.

Além do exposto, é possível enxergar na escola das HQs do Chico Bento saberes sistematizados que são divulgados, afirmados e propagados como verdadeiros e válidos. Assim como, nos foi possível perceber diversas relações de poder estabelecidas atravessando os discursos, a exemplo, silêncios, dominações, exclusões.

Apesar desta constatação, os discursos nas HQs analisadas trabalham com caracterizações generalizadas e estereotipadas para o caipira, impedindo-nos de vislumbrar as diversas possibilidades de construção identitária disponíveis entre sujeitos.

Verificamos que, de modo geral, a construção da identidade caipira mostra-se marcadamente associada às visões legitimadas por “vontades de verdade” que são propagadas

por nossa formação social, ratificando a caracterização dos sujeitos de ensino da zona rural – sujeito aluno como preguiçoso, “burro”, incapaz e ignorante e sujeito professora como tradicional, perfeito. Isto é, representada como detentora do saber, tradicional e conservadora.

Nesse sentido, é importante ressaltar que não pretendemos, em nenhum momento, capturar uma verdade única, encontrar a “realidade”, e, sim, lançar um olhar problematizador para as HQs, para os múltiplos sentidos produzidos e divulgados nesta, sabendo que estes são sempre móveis e oscilantes, passíveis de diversas leituras.

REFERÊNCIAS

- Almanaque Brasil Cultura. **História em Quadrinhos no Brasil**. Postado em: 22 junho 2010. Disponível em: < <http://www.brasilcultura.com.br/artes-plasticas/historia-em-quadrinhos-no-brasil/> > Acesso em: 22 out. 2012.
- Arte, B.D., Graphic Novel. Série história da HQ. Sem Orelha. **Chiquinho**. In: Álvaro de Moya. História da História em Quadrinhos. Ed. Brasiliense. Postado em: 3 março 2010. Disponível em: < <http://www.semorelha.com.br/graphic-novel-blog-2/chiquinho-historia-da-hq/> > Acesso em: 22 out. 2012.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. Formato PDF. Disponível em: < <http://www.zahar.com.br/doc/t0932.pdf> > Acesso em: 30 out. 2012.
- Blog of the Public Image . **História em Quadrinhos**. Postado em: 02 novembro 2011.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- Cirne *apud* CÓRIO, Maria de Lourdes Del Favéri. Orientador, MARÇOLLA, Rosângela. Nivel, M. *O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade*. Marília/SP. 2006.
- Comunique-se. **Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos**. Postado em: 30 janeiro 2011. Disponível em: < <http://comunique-seconnect-se.blogspot.com.br/2011/01/dia-nacional-das-historias-em.html> > Acesso em: 22 out. 2012
- CÓRIO, Maria de Lourdes Del Favéri. (Coord.) MARÇOLLA, Rosângela. Nivel, M. **O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade**. Marília/SP. 2006. Formato PDF. Disponível em: < <http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/e4412beedb3d14159774ae8aaefbea9.pdf> > Acesso em: 30 out. 2012.
- COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso: história e crítica. In.: **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 09 – 57.
- CUNHA, Bruno. **Referências**. Postado em: 12 agosto 2008. Disponível em: < <http://www.brunocunha.com/blog/artigos/referencias-apud-et-al-et-seq-idem-id-op-cit-passim-e-etc/> > Acesso em: 21 out. 2012.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1838.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ed. -Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In.: **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e Escritos vol. IV.

_____. **A Ordem do Discurso**. Trad.: Edmundo Cordeiro e António Bento. Ciberfil: Literatura Digital, 2002. Formato PDF. Disponível em: < <http://www.ciberfil.hpg.ig.com.br/> > Acesso em: 02. nov. 2012.

_____. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 1999. Formato PDF. Disponível em: < <http://arquivofoucault.files.wordpress.com/2013/09/foucault-m-a-ordem-do-discurso.pdf> > Acesso em: 08. set. 2013.

_____. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. Formato PDF. Disponível em: < <http://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> >. Acesso em: 04 out. 2012.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz T. (org. e trad.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

INDUSRKY, Freda. A Análise do Discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. _____ e Ferreira, Maria Cristina(Orgs.). In: **A análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos**. São Paulo: Clara Luz, 2007. p. 07-21.

_____. A memória na cena do discurso. In: **Memória e História na/da Análise do discurso**. Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Solange Mittmann (Orgs.). Campinas – SP: Mercado de Letras, 2011.

_____. Formação discursiva: Ela ainda merece que lutemos por ela?. In: _____ e FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24º reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. I. p. 18 – 29. Formato PDF. Disponível em: < http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCkQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.editoracontexto.com.br%2Fdownloads%2Fdl%2Ffile%2Fid%2F896%2Fpreconceito_e_intolerancia_na_linguagem_primeiro_capitulo.pdf&ei=9NyXUNi9HozC0AHy1YCwAw&usg=AFQjCNEsNH4jQA2tEYwHZ3Eg-OmIbnD_yw&sig2=qodRBmegDYohVJTJR44QTA > Acesso em: 02. nov. 2012.

Mania de Colecionador. Postado em: 06 novembro 2012. Disponível: < <http://www.maniadecolecionador.com.br/ticotico.htm> > Acesso em: 22 out. 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001. Formato PDF. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/21564382/Eni-Orlandi-Analise-> > Acesso em: 02. nov. 2012.

POSSENTI, S. Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e sujeito. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, M. (org.). **Ler e navegar; espaços e percursos da leitura.** São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

_____. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. IN. MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs) **Introdução à Linguística:** fundamentos epistemológicos. Volume 3, São Paulo: Cortez, 2004, p.353-392.

SANTOS, Denise Prussler dos. **Mulheres e o ensinar.** Disponível em: < <http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys20/bresil/denise.htm> > Acesso em: 30 out. 2012.

SILVA. T.T. (org.). **Identidade e Diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Formato PDF. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/63740524/SILVA-identidade-e-diferenca-a-perspectiva-dos-estudos-culturais> > Acesso em: 02. nov. 2012.

VEYNE, P. Só há a priori histórico. In: VEYNE, P. **Foucault:** Seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ANEXOS